

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NA DIFUSÃO DA IDEOLOGIA SOBRE A REPRODUÇÃO HUMANA *

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca **

FONSECA, R.M.G.S. da Os meios de comunicação de massa na difusão da ideologia sobre a reprodução humana. *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 26, n. 2, p. 205-18, Ago. 1992.

Este estudo foi realizado com mulheres atendidas nas unidades básicas de saúde de um Município da Região Metropolitana de São Paulo, com os objetivos de verificar quais os meios de comunicação de massa aos quais tinham acesso, segundo sua inserção nas diferentes classes sociais que conformam a sociedade brasileira, bem como detectar e analisar a permeabilidade destas mulheres às mensagens sobre reprodução humana veiculadas por aqueles meios, ariculando-a ao perfil reprodutivo biológico apresentado por elas.

UNITERMOS: *Mulher - reprodução. Comunicação de massa.*

1. INTRODUÇÃO

Ao se abordar o tema da difusão da ideologia, não se pode relegar a segundo plano a consideração de que a *consciência social*, enquanto um produto social, não se realiza fora da sociedade e independentemente dela, mas sim assimilando tudo o que foi construído pela humanidade em geral no percurso histórico da sua existência. Apesar de ser formada a partir das consciências individuais, a consciência social não é, no entanto, a somatória das concepções, idéias e valores inerentes a diversos indivíduos. É sim, uma qualidade nova que caracteriza o reflexo mais profundo do indivíduo social, aqui entendido como o homem que vive em sociedade, parte integrante de um determinado grupo social, portador de um conteúdo ideológico que exprime a consciência social do mesmo. Esta reflete, portanto, não só o ser no momento dado mas, sendo histórico, inclui os valores acumulados pelas gerações anteriores, transmitidos através dos tempos pela arte, religião, ciência e outras formas de manifestação deste gigantesco sistema de conhecimentos, idéias, conceitos, aspirações, motivos e outros elementos que, além de se influenciarem mutuamente, encontram-se em permanente transformação. A consciência social é única mas manifesta-

* Trabalho apresentado como Tema Livre no 42º Congresso Brasileiro de Enfermagem, Natal (RN), outubro de 1990.

** Enfermeira. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

se dialeticamente nas dimensões da realidade objetiva, de diferentes formas: como *consciência individual*, relativa à consciência dos indivíduos, como *consciência de classe*, relativa à consciência dos grupos sociais organizados em classes sociais nas sociedades assim estratificadas, e como *consciência geral*, relativa às formas de pensamento, imagens e conceitos em que toda a sociedade reflete o seu ser, o desenrolar objetivo e real do desenvolvimento social, as suas contradições, os choques entre as forças em luta, o passado e o presente da humanidade, as possibilidades, vias, tendências e perspectivas que se delineiam para o futuro (BURLATSKI, 1987).

No cotidiano, os processos da realidade social, concretizados nos fatos sociais, acontecimentos e fenômenos externos da vida humana, refletem-se de uma forma imediata, nos sentimentos, emoções e outras reações psíquicas dos grupos sociais, classes ou camadas e fixam-se nos hábitos, tradições e costumes dos mesmos. Este nível refere-se à *psicologia social*. Por outro lado, os aspectos internos mais profundos da consciência social, através dos quais o ser social interpreta os fatos e acontecimentos da vida em sociedade, são da esfera da *ideologia*. Esta se constitui num sistema organizado de idéias e doutrinas sobre a vida que, além de interpretar os fatos, infiltra-se no ser social, exprimindo interesses e necessidades fundamentais do grupo ao qual ele pertence (BURLATSKI, 1987).

Numa sociedade classista, a consciência do homem tem um caráter de classe refletindo a posição social, as necessidades e os interesses desta classe e suas relações com as demais. A ideologia é o nível profundo da consciência social cujo núcleo teórico se constitui na capacidade de explicar a realidade e de fundamentar os objetivos e tarefas da classe social considerada. No capitalismo, a ideologia dominante é constituída pelas idéias e as teorias da classe que detém o poder econômico. Segundo CHAUI (1985) a ideologia refere-se...

“ao conjunto de representações (idéias, valores) e de normas ou regras de conduta que indicam ou prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer”.

Para esta mesma autora ainda, a sua função na sociedade capitalista, é dar aos membros da sociedade, um explicação racional para as desigualdades sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuí-las à divisão da sociedade em classes sociais, a partir da divisão na esfera da produção.

Para Gramsci, citado por LARRAIN (1988), a ideologia retrata a concepção do mundo e está presente em todas as manifestações da vida individual e coletiva, implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica, etc. Está socialmente generalizada e dá aos homens uma orientação e regras para a ação. Mais que um sistema de idéias, relaciona-se com a “capacidade de inspirar atitudes concretas e proporcionar orientação para a ação”, (Gramsci apud LAR-

RAIN, 1988), manifestando-se através do sistema político-jurídico, da ciência, da arte, da filosofia e da religião.

Os meios de comunicação de massa têm um papel fundamental na transmissão e reprodução da ideologia dominante visto pertencerem ao sistema de informação ou sistema educativo informal que, por sua vez, integram o sistema jurídico-político.

Este refere-se principalmente a todo o pluriforme sistema do Estado e seus órgãos legislativos e administrativos, exército, polícia, justiça, partidos políticos e instituições afins. Mesmo quando não controla diretamente, o Estado, indiretamente, estabelece e normatiza todo o sistema social, bem como o funcionamento das instituições responsáveis pela reprodução e veiculação da ideologia.

No modo de produção capitalista, o Estado encontra-se a serviço da classe dominante, com a função precípua de assegurar e manter a dominação e a exploração das classes detentoras da força de trabalho (classes trabalhadoras) pelas classes proprietárias dos meios de produção (burguesia). Dada a congruência ideológica existente entre os detentores do poder político e os detentores do poder econômico, há uma verdadeira associação entre os mesmos. Assim, as políticas emanadas do Estado, longe de diminuir as desigualdades sociais, têm o objetivo primordial de assegurar a acumulação e a reprodução do capital. As classes trabalhadoras, no processo de vida social, organizadas sob as mais diversas formas, reagem a estas políticas de acordo com o estágio de desenvolvimento da consciência social da sua classe, a elas se sujeitando ou mesmo se opondo. Este movimento é parte fundamental da luta de classes e, por isto, uma outra função do Estado, em sua associação com a classe dominante, é regular esta luta, mantendo a ordem social vigente pelo exercício do seu papel coercitivo.

Concebidos dentro desta estrutura, os meios de comunicação de massa, controlados pelo Estado e principais veiculadores, portanto, da ideologia dominante, estariam a serviço da classe dominante na relação que se estabelece entre esta e as classes dominadas. Na sociedade de classes que caracteriza a formação social capitalista brasileira hoje, a sua função primordial é a de manutenção da condição de dominação sobre a qual se sustenta o regime político social.

Para SINGER (1981), no Brasil atualmente, o projeto das classes dominantes consiste no desenvolvimento capitalista da economia nacional, cuja essência é a explicação das desigualdades sociais pela maior ou menor capacidade, esforço e sorte individuais no enfrentamento das dificuldades da vida. Este processo de seleção é tido como "natural" e melhor para todos, "inclusive para os que ficam para trás nesta corrida ao sucesso, na medida em que suas regras asseguram a união entre o privilégio e a competência, dando a gestão da riqueza social e do Estado aos mais capacitados". (SINGER, 1981). Neste contexto, o que importa é o controle do tamanho das classes trabalhadoras tanto para selecionar e qualificar melhor a mão-de-obra disponível como

para impedir pressões das classes dominadas no sentido de transformações sociais mais profundas na estrutura social. Assim, difunde-se atualmente a ideologia neomalthusiana de que a pobreza advinda do grande número de filhos é o grande obstáculo ao desenvolvimento econômico e social e que somente através do controle da natalidade é possível a melhoria da qualidade de vida tanto individual como coletiva. Esta ideologia, no entanto, não questiona as desigualdades sociais e as suas causas mais profundas (as relações sociais capitalistas), considerando apenas os seus resultados como causa básica do subdesenvolvimento. Na perpetuação desta ideologia isto é perpassado constantemente pelas mais variadas formas de manifestação da consciência social, dentre elas, os meios de comunicação de massa.

Neste trabalho, que é parte de uma pesquisa (FONSECA, 1990) realizada entre mulheres atendidas em unidades básicas de saúde, procuramos mostrar o acesso que estas mulheres têm aos meios de comunicação de massa, veiculadores da ideologia dominante em termos de reprodução humana. Isto, de certa forma, influencia o seu perfil reprodutivo biológico, visto pertencerem, na sua grande maioria, às classes sociais dominadas.

2. MÉTODO

Foram entrevistadas mulheres que compareceram às 6 Unidades Básicas de Saúde do Município de Taboão da Serra, da Região Metropolitana de São Paulo. A partir da operacionalização do conceito de classe social de Lenin proposta por BRONFMAN (1984) e adaptada para a situação brasileira por LOMBARDI (1988), as mulheres foram classificadas como pertencentes a uma das seguintes classes sociais:

SUBPROLETARIADO (SUB): a esta classe social pertencem os agentes sociais não proprietários dos meios de produção, e que mantêm uma vinculação bastante frágil com o sistema produtivo, representados principalmente por empregados domésticos remunerados, ambulantes e trabalhadores auxiliares da construção civil.

PROLETARIADO (P): esta classe social é integrada pelos agentes sociais não proprietários dos meios de produção formalmente inseridos no sistema produtivo tratando-se, na maioria das vezes, de operários do setor industrial ou de trabalhadores do setor serviços, sem função de mando ou de controle do processo produtivo. Divide-se em duas frações: o proletariado típico (PT), que é conformado por trabalhadores que exercem funções diretamente vinculadas à produção de mercadorias e o proletariado não típico (PNT), formado por aqueles vinculados indiretamente à produção.

PEQUENA BURGUESIA TRADICIONAL (PBT): nesta classe social estão os trabalhadores por conta própria que, apesar de serem proprietários dos meios de produção, somente produzem em pequena escala, não costumam comprar a força de trabalho de outros e utilizam, na maior parte das vezes, mão de obra familiar.

NOVA PEQUENA BURGUESIA (NPB): a esta classe social pertencem os agentes sociais não proprietários dos meios de produção que exercem funções de mando ou de controle do processo produtivo, estando a serviço da burguesia para favorecer o controle das classes exploradas.

BURGUESIA (B): esta classe social é conformada pelos proprietários dos meios de produção que, por isto, detêm o poder do controle do processo de trabalho. Não estando diretamente inseridos na produção, compram a força de trabalho do proletariado e produzem em larga escala, produção esta que lhes gera lucros que são reinvestidos na reprodução do capital.

3. RESULTADOS

O estudo abrangeu 159 mulheres, representativas de todo o conjunto de mulheres que freqüentavam os serviços de saúde da mulher das unidades básicas de saúde em um ano.

Dado que foram estudadas mulheres que freqüentavam serviços públicos de saúde que historicamente, em nosso país, são destinados à população mais carente, não houve na amostra representantes da burguesia. Analisando-se a distribuição das entrevistadas segundo as demais classes sociais, verificou-se que predominava o proletariado, com maior proporção do PNT, composto por 44,65% das mulheres, e aparecendo em segundo lugar, com 30,19%, o PT. Ao subproletariado pertenciam 16,4%. As classes burguesas apresentavam um percentual muito reduzido, havendo apenas duas mulheres (1,26%) na NPB e 12 (7,55%) na PBT. Assim, se forem considerados os dois grandes conjuntos antagônicos, têm-se que 91,19% das entrevistadas pertenciam às classes dominadas representadas pela soma do proletariado com o SUB, enquanto apenas 8,81% pertenciam às classes dominadoras, formadas pela NBP e PBT.

No entanto, nesta análise, deve-se levar em conta que, na sociedade capitalista, a PBT não se encontra propriamente numa situação de exploração já que nem compra, nem vende força de trabalho e produz em pequena escala. Por isto, durante o processo de desenvolvimento deste modo de produção, os seus agentes sociais estão virtualmente mais sujeitos à mobilidade social que os de outras classes sociais, ou seja, estão mais sujeitos a passar a integrar as demais classes burguesas ou o proletariado. Dadas as peculiaridades deste processo na Região da Grande São Paulo, e nela, o de Taboão da Serra, que especialmente na situação atual de crise político econômica privilegia os sujeitos sociais já inseridos nos segmentos da burguesia, apresentam-se para a PBT maiores chances de proletarização que de aburguesamento. Vale dizer que, neste estudo, esta classe pouco se diferenciava do proletariado.

A vista do exposto anteriormente, pode-se deduzir que a quase totalidade das mulheres deste estudo encontrava-se numa posição de

subalternidade social ou seja, pertenciam a classes sociais efetivamente exploradas ou passíveis de exploração.

3.1 *O acesso aos meios de comunicação de massa*

Conforme pode ser observado no quadro 1, os meios de comunicação de massa mais acessíveis às mulheres eram o rádio e a televisão, utilizados freqüente ou esporadicamente pela grande maioria, independentemente da classe social a que elas pertenciam. No entanto, foram constatadas diferenças entre as preferências das duas únicas mulheres pertencentes a NPB e as das demais classes sociais. Os programas de rádio preferidos pelas primeiras eram os noticiários, tipo jornal falado e as reportagens variadas, excetuando-se as policiais. Na televisão, uma gostava principalmente de filmes selecionados e a outra de programas humorísticos, por causa da crítica destes à realidade política do país. Uma delas lia, às vezes, um jornal de grande circulação e revistas educativas (Pais e Filhos) e a outra, apenas romances, preferindo os best-sellers.

Já as mulheres das outras classes sociais preferiam as reportagens policiais ou os programas de rádio mais populares, animados por comunicólogos. Interessavam-se bastante também pelos programas musicais dando preferência para aqueles que veiculavam os últimos lançamentos da música popular. Na televisão, os programas preferidos eram as novelas e os filmes de gêneros variados (seriados, românticos, comédias, etc). O hábito da leitura era pouco freqüente, sendo que nos jornais as principais informações procuradas eram os horóscopos e as ofertas de emprego. Raramente liam outras reportagens sobre atualidades. As revistas mais lidas eram as mais populares, de variedade ou fotonovelas.

3.2 *O perfil reprodutivo biológico das mulheres*

Com relação ao perfil reprodutivo biológico apresentado, verificou-se que não apresentou grandes diferenças, segundo a inserção social das mulheres, exceção feita a alguns aspectos qualitativos como por exemplo, o acompanhamento médico concomitante ao uso de métodos anticoncepcionais de alta tecnologia. Em relação ao número de filhos, gestações, partos, tipos de partos, utilização de métodos contraceptivos, não houve diferenciação estatisticamente significativa. (Quadros 2 e 3).

Assim percebeu-se, tanto no nível da prática como no das intenções reprodutivas, uma nítida tendência à redução do número de filhos através da utilização de métodos anticoncepcionais de alta tecnologia ou da esterilização feminina, principalmente devido à segurança oferecida pela alta eficácia dos mesmos. A família era idealizada como pequena e nuclear, compatível com as limitações econômico-financeiras decorrentes da situação social contemporânea.

QUADRO 1 — Acesso das mulheres aos meios de comunicação de massa segundo as classes sociais

Meios de comunicação de massa	Proletariado					Total	SUB
	NPB	PBT	PNT	PT			
Rádio: audiência	100,00	100,00	91,55	93,75		92,44	84,62
preferência	notic. report.		musicais e	programas populares			
TV — audiência	100,00	83,33	90,14	79,17		86,56	80,77
preferência	filmes	novelas e filmes					
Revistas: leitura	100,00	33,33	42,25	25,00		35,29	38,46
Jornais: leitura	50,00	41,67	21,13	22,92		21,85	23,08

QUADRO 2 — O perfil reprodutivo das mulheres segundo as classes sociais (a situação reprodutiva)

Item de comparação	Proletariado					SUB
	NPB	PBT	PNT	PT	Total	
Situação gestacional na data da entrevista						
1. gestantes	50,00	25,00	38,57	43,75	40,68	40,91
2. não gestantes	50,00	75,00	58,57	54,17	56,78	59,09
Nuligestas	—	8,33	4,23	2,08	3,36	3,85
Idade na 1ª gestação						
média	25,50	20,09	20,41	20,30	20,37	18,72
mediana	24,00	18,90	19,00	19,62	19,36	17,50
moda	20 a 24	20 a 24	12 a 19	12 a 19	12 a 19	12 a 19
	25 a 29	—	2,94	2,13	2,61	12,00
Primigestas na puberdade (%)						
Nº médio de gestações/mulher	2,50	2,17	2,99	2,63	2,87	4,81
Nº médio de partos/mulher	2,00	1,58	2,14	1,98	2,05	3,00
Nº médio de gestações/mulher	2,00	1,42	1,97	1,94	1,95	2,92
Nº médio de nati-mortos/mulher	0,00	0,16	0,02	0,04	0,03	0,11
Tipos de partos:						
cesárea	50,00	42,11	29,53	18,95	25,41	28,20
normal	50,00	52,63	65,77	74,74	69,26	66,67
fórceps	—	5,26	4,70	6,31	5,33	5,13

QUADRO 3 — Perfil reprodutivo das mulheres segundo as classes sociais (a situação do controle da reprodução)

Item de comparação	NPB	PBT	Proletariado			SUB
			PNT	PT	Total	
1. ABORTE						
Nº médio de abortos espontâneos/ mulher	0,00	0,17	0,30	0,15	0,24	1,35
Nº médio de abortos provocados/ mulher	0,00	0,17	0,21	0,04	0,14	0,12
2. ANTICONCEÇÃO						
2.1 Situação progressa						
Usuárias de MAC	50,00	75,00	91,55	72,92	84,03	88,46
Idade do 1º MAC						
médiana	25,00	21,22	20,73	21,40	20,97	20,77
Laqueadas	25,00	19,75	19,12	20,50	19,83	19,00
MAC mais usado	50,00	25,00	18,31	18,75	18,49	23,08
Uso de pílulas		pílulas	pílulas	pílulas	pílulas	pílulas
Usuárias entre as usuárias de MAC	100,00	77,78	86,15	82,86	85,00	82,61
Indicação	prof.	n.prof.	n.prof.	n.prof.	n.prof.	n.prof.
Tempo de uso (anos)						
médio	0,80	4,04	3,21	3,31	3,25	3,90
mediano	0,80	1,65	1,88	2,00	1,95	0,90
Usuárias com efeitos colaterais	100,00	71,43	78,57	65,52	74,12	84,21
2.2 Situação presente *						
Não usando MAC	—	33,33	19,51	7,69	14,93	23,00
Usando MAC de alta tecnologia	100,00	55,56	68,29	73,08	70,15	69,23
Usando MAC de baixa tecnologia	—	11,11	12,20	19,23	14,93	7,69
2.3 Perspectiva futura						
Pretendem usar MAC	100,00	88,89	96,43	94,87	95,79	93,75
MAC pretendidos		preferência por alta tecnologia-eficácia garantida				
2.4 Participação masculina						
Uso de MAC masc. **						
sim	50,00	50,00	63,38	62,50	63,03	26,92
não	50,00	50,00	33,80	31,25	32,77	65,38
não respondeu	—	—	—	2,08	0,84	3,85
não sabe	—	—	2,82	2,08	2,52	3,85
talvez	—	—	—	2,08	0,84	—
Nº ideal de filhos	3-4	2-3	2-3	2-3	2-3	2-3

* mulheres em idade fértil, não grávidas na data da entrevista

** inclui usuárias em potencial; $P < 0,005$

4. ANÁLISE E A CONCLUSÃO

A ideologia, como foi referido anteriormente, orienta para a ação, no sentido de legitimar as condições sociais vigentes. A concepção ideológica hegemônica na sociedade de classes é a das classes dominantes que deve ser absorvida pelas classes dominadas para a perpetuação das condições de dominação.

Neste sentido, a ideologia que vem permeando toda a ação social, seja para estimular o crescimento populacional, seja para contê-lo ou reduzi-lo pode ser encontrado na evolução histórica do modo de produção capitalista e, conseqüentemente, do conhecimento sobre a forma como se dá o desenvolvimento da estrutura populacional, na consolidação deste sistema econômico. Assim, no decurso da história, as leis da população refletem o estímulo ao crescimento populacional em épocas em que a quantidade de mão-de-obra é vital para a consolidação de um determinado modo de produção baseado na força de trabalho. Quando, ao contrário, esta quantidade ameaça a estabilidade do sistema, torna-se necessário reduzi-la.

Coerentemente, as ações de planejamento da reprodução humana, atualmente no Brasil, têm uma destinação específica: objetivam o controle da renovação e reprodução da força de trabalho das classes sociais exploradas, por força da sujeição ao modo capitalista de produzir (OLIVEIRA, 1988).

Estas metas devem ser alcançadas a qualquer custo e para a consolidação do sistema, não necessitam ser discutidas no fôro do projeto político destas classes sociais e sim da burguesia. O que importa é o controle, mesmo quando as ações de planejamento da reprodução aparecem travestidas das propostas humanitárias as mais convincentes, advogando a postura de direito à liberdade, embora esta liberdade esteja amordaçada pelo ideário de que a sobrevivência da família está restrita aos seus limites orçamentários, omitindo, por outro lado, a determinação social do processo de vida. Os argumentos controlistas da natalidade são bastante reconhecidos e difundidos e sempre relacionam o crescimento populacional com a pobreza, a miséria e os desajustamentos sociais. Baseados nas concepções malthusianas clássicas, os defensores do controle da natalidade relacionam o crescimento demográfico com a possibilidade de condições dignas de vida para as camadas mais carentes da população. No entanto, o substrato desta ideologia não se encontra no direito a uma qualidade de vida melhor para os "mais necessitados", senão nos fundamentos da dominação capitalista.

Desta forma, entregue às classes subalternas de uma maneira fracionada e escamoteando suas reais intenções, estes recortes ideológicos vão se constituir num reforçador do senso comum, perpetuador do ideário da relação direta entre a pobreza e o grande número de filhos.

A difusão e a absorção desta ideologia pelas classes dominadas tem sido garantida pelas diferentes formas de manifestação da consciência

social consolidadas através das políticas adotadas pelas instituições sociais correspondentes. A sua análise, neste momento, se assenta na crença de que o desenvolvimento capitalista no Brasil leva a uma homogeneização de valores em relação à reprodução biológica enquanto escamoteia as desigualdades de classe. Com relação à reprodução humana, portanto, função das instituições é a de espriar mensagens francamente orientadas no sentido de induzir as futuras gerações adultas para o controle da fecundidade.

Assim, o caráter coercitivo da ideologia burguesa dominante em nosso meio, a respeito do controle da reprodução, pode também ser constatado através dos valores veiculados pelos programas de rádio e televisão, e pelas revistas mais acessíveis às mulheres do proletariado.

Há que se lembrar que, além do conteúdo específico das programações destes veículos, existe o conteúdo expresso nas propagandas que se utilizam basicamente deles para atingir o consumidor. As técnicas de propaganda competem com a família na socialização dos indivíduos, desde a primeira infância. Inscrevendo-se precocemente no processo educacional, participa na progressiva formalização do controle social nas sociedades capitalistas. "A competição interna entre a lógica comunitária da família, a lógica competitiva e mercantil das empresas e a lógica do poder do Estado, inscrevem-se desde cedo na vida dos indivíduos. É na concorrência entre elas que se formam os valores pelos quais se pauta o comportamento reprodutivo." (SMRECSANYL, 1988)

Um estudo sobre a gênese e o conteúdo de alguns elementos dos meios de comunicação de massa no Brasil, discute a sua influência na transformação e legitimação do papel da mulher na família e na configuração dos seus projetos de vida em sociedade. Neste trabalho, é analisado o conteúdo das mensagens veiculadas por dois tipos de revistas, as fotonovelas, dirigidas às camadas sociais mais "pobres" da população e os magazines, dirigidos às camadas "médias". Especificamente sobre as fotonovelas, que foram as revistas mais lidas entre as mulheres do nosso estudo, os autores concluem que a relação entre as mensagens que veiculam e a reprodução humana é essencialmente indireta, pois encaminham no sentido de provocar, apoiar e legitimar sonhos que delineiam uma "modesta utopia" para a população feminina. Idealizam o amor entre o homem e a mulher, preferencialmente culminado com o casamento, sem que o pequeno número de filhos venha perturbar seu ideal de realização humana. As famílias são nucleares, pequenas e se desfeitas almejam ser reconstruídas nos mesmos moldes. Mesmo quando o projeto de vida da mulher se volta para a "busca da liberação feminina" através do trabalho fora do lar, este é incompatível com o grande número de filhos e a realização pessoal. A felicidade pode ser obtida desvinculada de qualquer mudança social, de preferência envolvendo as poucas pessoas do núcleo familiar e os amigos. Como a mensagem principal é sempre de cunho moralista, a seleção dos traços morais diz respeito a uma sociedade idealizada, avessa às durezas da luta entre as classes, com as ações sempre se desen-

rolando na dimensão individual, negando a ação coletiva. Todos os temas tratados são resolvidos magicamente ou através das alternativas igualmente individualizadas. Os problemas sociais são descartados ou meramente reduzidos a um plano inferior. (BEREZOVSKY; CAMARGO, 1978).

Analisando-se sob a mesma ótica os programas de rádio voltados para estas camadas populacionais ou mesmo as novelas, que abrangem um público mais diversificado, observa-se que os valores veiculados são praticamente os mesmos. O acesso aos bens de consumo só se mostra possível através da constituição de famílias pequenas e nucleares, embora isto, comprovadamente na realidade, não leve ao alcance de melhor qualidade de vida. Por outro lado, são extremamente valorizados perfis de consumo baseados na aparência física típica da mulher nulípara ou com poucos filhos. O corpo sexualizado é aquele cujas formas são perfeitas, não transformadas pela ocorrência da gravidez.

Creemos que a fala de uma das mulheres entrevistadas em nosso estudo enriquece e concretiza a contradição relativa aos valores estético-corporais e à subsistência, existente no nível do discurso ideológico sobre a reprodução humana:

S., 27 anos, casada formalmente há 15 anos. Teve 8 gestações, das quais resultaram 3 abortamentos espontâneos e 5 filhos nascidos vivos. Atualmente tem 4 filhos (11, 8, 6 e 4 anos), pois o último faleceu 1 hora depois de nascido prematuramente. Trabalha atualmente como atendente de enfermagem (Proletariado não Típico). O marido trabalha como escriturário numa instituição pública de saúde (Proletariado não Típico).

É claro que eu gosto dos meus filhos, mas eu também acho que as pessoas deviam ter só um filho, pelo custo de vida, pela cabeça da gente e pelo próprio corpo. Eu adorava ser filha única para não ter que dividir nada com ninguém. Era tão bom! Lembra que eu falei da minha mãe que era faxineira e só teve eu de filha... Com muito filho, o corpo fica estragado também. Veja eu: 8 vezes grávida e agora aqui, estragada, gorda, feia. Eu, que tinha um corpo tão bonito quando era mocinha...

Assim, o que se pode concluir é que as políticas emanadas do Estado, explicitamente ou não, subjazem à ideologia neomalthusiana que vincula a precariedade das condições materiais de existência ao tamanho ampliado da prole. Os meios de comunicação de massa, por sua vez, veiculam, de variadas formas esta ideologia, independentemente da classe social para a qual está dirigida a programação dos mesmos. Ainda, os ideais reprodutivos estão suficientemente homogeneizados para que não haja diferenças significativas de classe entre os mesmos. Em conseqüência disto, as declarações das mulheres das classes trabalhadoras miscigenam valores burgueses com as necessidades expressas de controle da fecundidade como estratégia de sobrevivência.

FONSECA, R.M.G.S. da. The mass media in the difusion of the ideology of the human reproduction. *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 26, n. 2, p.205-18, Aug. 1992.

This study was conducted with women assisted at public health units of one municipality of São Paulo's metropolitan region. Its objectives were: to verify the mass-media to which they have access and to correlate these findings to these women's social class. It also infented to analysis the permeability of these subjects to the mass-media messages about human reproduction, correlating it to the biological profile presented by such women.

UNITERMOS: *Women - reproduction. Mass-media.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEREZOVSKY, M.; CAMARGO, C.P.F. de. Comunicação de massa: a mulher e o sonho. *Cad. CEBRAP*, n. 29, p. 45-58, 1978.
2. BRONFMAN, M.; TUIHAN, R. La desigualdad social ante la muerte: clases sociais y mortalidad en la niñez. *Cuad. Med. Soc.*, n. 29/30, p. 53-75, 1984.
3. BURLATSKI, F. *Fundamentos da filosofia marxista-leninista*. Moscou, Progresso, 1987.
4. CHAUI, M. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
5. FONSECA, R.M.G.S. da. *Mulher, reprodução biológica e classe social: a compreensão do nexco coesivo através do estudo dialético do perfil reprodutivo biológico de mulheres atendidas nas Unidades Básicas de Saúde*. São Paulo, 1990. 360 p. Tese (Doutorado) — Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
6. LARRAIN, J. Ideologia. In: BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento marxista*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988(p. 183-187.
7. LOMBARDI, C. Operacionalização do conceito de classe social em estudos epidemiológicos. *Rev. Saúde Públ.*, v. 22, n. 4, p. 253-65, 1988.
8. OLIVEIRA, M.A.C. *A reprodução humana em uma sociedade de classes: estudo dialético Da representação de um conjunto de enfermeiras*. São Paulo, 1988, 242 p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo.
9. SINGER, P. *Dominação e desigualdade: estrutura de classes e repartição da renda no Brasil*. São Paulo, Paz e Terra, 1981.
10. SMRECSANIL, M.I.Q.F. *Educação e fecundidade: ideologia, teoria e método na sociologia da reprodução humana*. São Paulo, Hucitec, 1988.